

DECLARAÇÃO PARA
A TRANSIÇÃO PARA
A CULTURA DE PAZ
NO SÉCULO XXI



“OS POVOS” JÁ TÊM VOZ PRÓPRIA. ACREDITAMOS QUE A HISTÓRIA ESTÁ EM NOSSAS MÃOS E QUE OUTRO MUNDO É POSSÍVEL. UMA CULTURA GLOBAL DE PAZ É POSSÍVEL. NÃO VAMOS LAMENTAR, MAS ORGANIZAR

Em 1997, a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou o ano de 2000 como o Ano Internacional da Cultura de Paz. Em 1999, adotou a Declaração e o Programa de Ação sobre Cultura de Paz e, nos anos que se seguiram, a Assembleia Geral continuou a exigir sua implementação. Vinte anos depois, reconhecemos que a transição da cultura da guerra e da violência para uma cultura da paz é uma utopia possível.

Reconhecemos também que nas últimas décadas os seres humanos puderam se expressar livremente e esperamos que, agora, “nós, os povos”, possamos participar da consolidação do multilateralismo democrático. Como nunca antes, a humanidade está

ciente de que a “mudança” é a essência da vida e que, como seres vivos capazes de reflexão e mudança, podemos e devemos mudar o curso da história e de toda a humanidade. Reconhecemos que as mudanças que emanam dos indivíduos podem nos guiar na busca daquilo que nos liga aos outros humanos e a toda vida. Mas, também reconhecemos que a mudança individual não é suficiente e que a transição para uma Cultura de Paz requer mudanças e reformas profundas das instituições e políticas para tornar possível uma transformação coletiva.

Em vista ao acima propomos localmente. . .

Uma Cultura de Paz global que pode ser cultivada localmente com várias expressões promovida e favorecida pelas autoridades de nossas cidades, permitindo aos cidadãos de todo o mundo organizar a educação para a paz e propor políticas públicas que:

- Garantem investimentos orçamentários para melhorar e enriquecer os ambientes físicos e sociais das cidades, para que nossos cérebros sejam alimentados desde a primeira infância com experiências de bem-estar e consciência das condições que precisam ser transformadas em nossas comunidades.
- Promover e apoiar programas de educação para a paz em instituições públicas e em ambientes não formais por meio de iniciativas comunitárias que vão além de escolas e universidades que operam como um negócio.
- Compartilhar conhecimento científico amplo e transdisciplinar com comunidades e bairros, para que as pessoas possam questionar e pensar sobre a relevância de nossas crenças e valores; para que tomemos consciência de nossa posição no mundo e de nossa relação com as outras espécies; para que entendamos que a biologia e a história anterior não determinam nosso destino; e para que possamos aprender a resolução de conflitos com base na não-violência.
- Compartilhar com as comunidades e bairros a história das culturas mundiais e suas ações em favor da paz: reconhecendo nossa unidade com os outros povos; conhecendo seus símbolos; e a criação de novos símbolos compartilhados que promovam a aceitação do outro, a solidariedade, o respeito e a cooperação.
- Promover a transparência e o livre fluxo de informações, evitando o sigilo do Estado; promover, apoiar e dar liberdade à imaginação e à criação de novos vocabulários, linguagens e narrativas sobre a paz e transformar o retrato negativo e violento do conflito na mídia de massa.
- Divulgar os conhecimentos e as ações da sociedade civil organizada: viabilizando a democracia participativa; capacitar cidadãos, professores, jornalistas, ativistas, lideranças sociais e religiosas, policiais, estudantes, profissionais, políticos e cientistas para participarem do exercício de seus direitos humanos, monitorando as garantias de todos os direitos humanos incluindo moradia, saúde, saneamento, educação e segurança pública e, assim, avaliar o progresso da cultura de paz em suas comunidades.
- Estabelecer espaços de reflexão, escuta e diálogo entre pessoas de diferentes idades, diferentes necessidades físicas, afetivas, cognitivas e socioeconômicas, e diferentes identidades étnicas, linguísticas e de gênero.
- Promover a participação democrática por meio de mecanismos de representação equitativa para as diversidades étnicas e de gênero, livre da influência da indústria militar, das corporações de monopólio financeiro e das instituições que influenciam a política nacional.
- Priorizar a agricultura local e sustentável, a fabricação e o consumo que menos dependam do petróleo e dos monopólios corporativos, que respeitem a diversidade de espécies regionais para ajudar no combate às mudanças climáticas e aos problemas ambientais, e que promovam a criação de cooperativas que trabalhem pela economia social e solidária com foco no comércio justo e no bem-estar das famílias e grupos que os compõem.

... e nós propomos globalmente

- A criação de um “Conselho de Segurança de Prefeitos” composto por representantes das principais cidades de todas as regiões do mundo. Este Conselho pode aumentar a consciência de que outro mundo é possível. Pode ser criado imediatamente, pois sua formação não requer acordos ou aprovação dos Estados Membros das Nações Unidas. Ele pode se reunir virtualmente por meio de formas modernas de comunicação e exibir na imprensa e na mídia de massa seus próprios acordos sobre questões de segurança global na agenda do Conselho de Segurança atual, incluindo questões que o Conselho de Segurança atual falhou em abordar, por exemplo, a abolição de armas nucleares.
- A criação de um Conselho de Assuntos Socioeconômicos e de um Conselho de Assuntos Ambientais nas Nações Unidas, cujas decisões representam o equilíbrio global de poderes e favorecem a adoção de acordos sobre essas matérias pelos Estados membros.
- A pronta refundação do Sistema das Nações Unidas, com uma Assembleia Geral composta por 50% de representantes dos Estados Membros e outros 50% de instituições, universidades e organizações da sociedade civil de todo o mundo que representam “Nós, os povos...”; isso permitirá o redirecionamento das políticas atuais por meio do multilateralismo democrático

“Os povos” já têm voz própria.

**Acreditamos que a história está em nossas mãos e que
outro mundo é possível.**

Uma cultura global de paz é possível.

Não vamos lamentar, mas organizar

Signatários

David Adams. (Autor) Iniciativa da UNESCO para o Ano Internacional da Cultura de Paz 2000; Culture of Peace News Network. Estados Unidos.

Federico Mayor Zaragoza. (Autor) Presidente de Fundación Cultura de Paz. Espanha.

Roberto Emmanuele Mercadillo Caballero. (Autor) Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología; Justicia Transicional y Paz, AC. México.

Alicia Cabezudo. Universidad Nacional de Rosario. Argentina.

Myrian Franqueira Castello. Fábrica dos Sonhos. Right to Dream Movement. Brasil.

Cristina Ávila Zesatti. Corresponsal de Paz. México.